

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevistadora:** Clara Moreno Pacheco Costa

**Entrevistada:** Fabiano Nogueira Coelho

**Data:** São Paulo, 24 de junho de 2022

**Duração:** 1 hora 16 minutos 41 segundos

**Realizada presencialmente em:** Biblioteca da Day – Circo dos Bichos Doidos, Rua Teodoro Sampaio 747 Pinheiros, São Paulo - SP

---

### **Início da entrevista.**

**Clara:** Hoje é dia 24 de junho, estamos na biblioteca do Circo dos Bichos Doidos, dando início a entrevista com Fafá Coelho pro projeto Acervo de Múltiplas Vozes, sob coordenação da professora Sumaya Mattar, da ECA USP. Você aceita que eu grave o conteúdo?

**Fafá:** Sim, e o nome da biblioteca é Biblioteca da Day.

**Clara:** Da Day?

**Fafá:** É.

**Clara:** Quem é Day?

**Fafá:** Nome da minha mãe. Vamos lá.

**Clara:** Você aceita que o material seja publicado pra fins didáticos?

**Fafá:** Pode.

**Clara:** (fecho meu caderno e logo abro de novo) Não sei porque fechei, vou continuar com meu caderninho.

**Fafá:** Então vamos lá.

**Clara:** Se apresente e sinta-se em casa.

**Fafá:** Meu nome é Fabiano Coelho, nascido em Salvador. Sou de 1980. Nasci no gueto, numa periferia chamada Jaguaripe II. Descobri o circo porque fui numa orla, na praia. Era um pouco distante pra quem morava na periferia. A gente não tinha muito como se deslocar e ir até a praia. Uma vez eu passando na orla eu vi o circo, só que naquela época o circo só atendia crianças particulares.

**Clara:** Ah, eram aulas de circo?

**Fafá:** Aulas de circo. Teve uma parceria com o Projeto Axé, que deu bolsa para meninos em situação de vulnerabilidade, que moravam na periferia. E através disso eu me interessei, entrei no circo e nunca mais saí. Primeiro era um caminho de me aproximar e me acolher naquele processo, já que logo recentemente eu perdi minha mãe. Minha mãe morreu muito jovem. Então, ali foi um caminho muito importante pra chegar onde estou hoje.

**Clara:** Cê tinha quantos anos?

**Fafá:** Quando minha mãe morreu eu tinha 9 anos.

**Clara:** E você entrou no circo com quantos anos?

**Fafá:** Eu entrei no circo com 9/10 anos, uma coisa assim. E através desse projeto social, que foi o circo Picolino, fui criando uma base pra entender todo o processo de aprendizado. No circo Picolino tinha um processo muito bacana: quando a gente já tinha um tempo treinando, 3,4 ou 5 anos, eles preparavam jovens aprendizes pra serem instrutores de circo. Eu fiz parte desse primeiro projeto do circo Picolino, lá atrás, junto com o Anselmo Serrat, que hoje partiu. Foi um cara que me deu um caminho muito importante, e fizemos vários trabalhos no circo. Não só foi dar aula pras pessoas, mas também fazer a parte teórica e prática: construir monociclo, aprender a soldar, e todo o trabalho importante pra você ser um formador que leve informação, que ensine. Eu fiquei dando aula por um bom tempo no circo Picolino, e logo percebi que nesse processo todo não tinha um caminho pra mim, porque tava ali e a vida não mudava. Tinha todo o processo de desenvolvimento do circo Picolino, e a gente que morava na periferia era muito oprimido. Não só dentro de casa, também tinha a violência da polícia. E eu...

**Clara:** E você morava com quem?

**Fafá:** Morava com meus tios, logo quando minha mãe partiu. E eu queria um lugar melhor. A gente nasceu num terreiro de candomblé, no gueto, no quilombo. Uma mãe de santo me falou: “ó, seu caminho não é aqui. Cê vai brilhar! Mas não aqui.” Eu tomei uma decisão. Já tinha ido pra fora, morar em Paris, com o circo, mas eu não tinha tanta base. Fui morar fora, fui participar de um festival, e ainda ficamos um tempo lá. Mas depois eu voltei e decidi vir pra São Paulo sozinho, eu e uma mochila na mão pra se virar.

**Clara:** Essa mãe de santo, você lembra o nome dela?

**Fafá:** Lembro. Raquel. Ela que me deu caminho, mas tem muita coisa importante que vai acontecer na minha vida ainda.

**Clara:** Tem.

**Fafá:** To bem preparado pra isso. E eu vim pra São Paulo. Foi um processo muito difícil, mas eu digo e acredito muito que eu nunca estive sozinho. Eu digo isso porque eu não tive uma formação na escola mesmo. O que me preparou foi o mundo. Talvez, se eu tivesse um formação melhor (bem melhor) - e não só isso, também não fosse negro - eu taria em outro caminho na minha vida. Por ser negro, as coisas são ainda mais complicadas. Mas eu tenho os meus guias, meus orixás, as pessoas que me protegem. E eu to aqui até hoje, olha onde eu cheguei: um menino que veio com a mochila na mão, quando desci no aeroporto. Fiz um trabalho em Salvador pra pagar a passagem de avião e vir morar num circo. Hoje eu tenho o meu - graças aos meus orixás, graças a deus - eu tenho um espaço. Tenho meu próprio apartamento, sabe? Quem diria. Mas não construí isso sozinho. Algo, em mim, tem. Porque não tô sozinho nesse processo, nesse caminho, entendeu? Vim morar em São Paulo. Dava aula, mas não tinha essa bagagem de aprendizado. Dar aula é um processo muito tenso e muito louco. Pra dar aula você tem que gostar, e tem que saber que cada aluno que encontrar vai ter uma dificuldade de aprendizado. Você tem que saber lidar com isso, e as pessoas não têm muita paciência. Ah, eu passei por esse processo na minha vida porque eu tive um problema m... Eu perdi minha mãe, e tinha um problema de não querer ficar nos ambientes. Eu sofria muito com a perda de uma pessoa que era importante no meu caminho.

**Clara:** E você era muito novo também.

**Fafá:** Na escola, no circo, as pessoas falavam "ah, você é burro", sabe? Não tinham essa paciência, nem entendiam a ferida que não estava curada, tava aberta. E ela continua aberta ainda, porque eu ainda sinto essa pancada lá atrás.

**Clara:** Uhum, cê tava num processo de luto e, ao mesmo tempo, tava tentando adentrar o espaço do circo.

**Fafá:** Isso, foi muito louco. Nesse processo todo de professores me criticarem, dentro da escola, dentro do circo, eu fui me guiando por um caminho. E eu não entendia, lá atrás. Quando eu dava aula eu falava: "ah, não tem capacidade, desista". E depois fui pra outro meio, outro caminho de aprendizado. Logo em seguida eu vim pra cá. Saí do circo Picadeiro, o que não foi um processo nada fácil. E aí vim pro...

**Clara:** Cê ficou quantos anos nesse circo?

**Fafá:** No circo Picadeiro eu fiquei dois anos. Dois anos de um processo muito... Dois anos e alguma coisa.

**Clara:** Lecionando, né?

**Fafá:** Dando aula e morando lá, né? Não foi nada fácil. Logo depois eu tive a oportunidade de trabalhar no Clube Escola. E fui me aprimorando, fazendo cursos, entendendo o processo de dar aula. Depois entrei na Fábrica de Cultura, onde fiquei durante cinco anos. E ali, descobri... Não, não descobri ali, descobri lá atrás. Todos nós que viemos da periferia temos

uma ferida que nunca cura, entendeu? A gente vem de um lugar de opressão e de um caminho muito árduo. Se eu não tiver capacidade de pegar uma pessoa que tem dificuldade na coordenação motora e não souber trabalhar com ela, eu não sei porque to dando aula. Você tem que saber porque você tá ali, entendeu? Se o menino chegou até você, é porque ele confia em você. Se o menino tá ali, mesmo que ele tenha todos os problemas, é porque ele confia em você. Então tem que saber lidar com isso. Eu digo isso porque abri o espaço, o Circo dos Bichos Doidos, e não tinha nem placa. Agora olha o tanto de pessoas que eu trouxe pra cá, que eu consegui ensinar coisas lindas, fora quantas pessoas eu ajudei que hoje trabalham com circo. Eu não sou reconhecido porque eu sou um cara negro, porque eu não fui fazer um curso, sei lá, em Paris, sabe? Em outras escolas. Mas se eu fosse um cara que buscasse "mais conteúdo", talvez eu teria mais... As pessoas me tratariam, talvez, melhor. Eu já tenho 41 anos, quantas pessoas já passaram na minha mão e que hoje trabalham com o circo? Não só com o circo, com outras coisas também. É a forma como eu trabalho: família, carinho e amor. Ce chegou aqui outro dia no circo e olha a maneira que a gente tá: sexta-feira a gente senta, bate-papo. É uma forma diferente. Eu não quero que a pessoa venha pro meu espaço e não cruze comigo. Que faça aula e vá embora. Não foi dessa forma que eu aprendi. O que eu aprendi, lá atrás, com o Anselmo Serrat, é que a gente tem que aprender a ensinar como se fosse a nossa família, sabe? Tem que tá aqui todo mundo junto: vamos juntos fazer essa coletividade. E não só juntos na forma de aprendizado, é de sentar, conversar, tomar uma cerveja. Eu acho que esse é o processo que precisamos. Quando eu cruzo com alguém aqui dentro do espaço, ela quer receber carinho e amor. E eu sempre amei dar aula. Eu falo assim "ah, um dia eu vou partir, vou morar na Bahia". Eu não sei se eu vou conseguir parar de dar aula, porque dar aula é uma coisa mágica. É uma coisa muito linda, você entra em contato com todo nível de pessoas. Descobre cada coisa. E às vezes a pessoa sai de um ambiente e vem pra cá pra tá aqui, pra desabafar o que ela... sabe? E (vem) lá do outro lado. E ela aprende muita coisa. A pessoa vem aqui, descobre o circo, vai subir no tecido e nem sabe ainda o que é um tecido. De repente, do nada, você tá fazendo um monte de coisa. É uma forma de aprendizado, sabe? É a maneira de dar aula. Agora, quando você tá no meio da periferia, que é onde as crianças estão em situação de vulnerabilidade, tem certa dificuldade, e não só na forma do aprendizado... Tava conversando com uma mãe/ uma galera hoje, que são professoras, sobre como as pessoas, às vezes, não tem paciência de ensinar pra criança. A criança pode ter um problema lá atrás: a fome, o pai que tá preso, a violência policial. Além de ser uma pessoa negra. O sistema tem tudo pra te colocar contra tudo. Eu digo porque eu passei por isso, entendeu? Eu to com 41 anos, lutando pra, sei lá, levar minha história e a história do Circo dos Bichos Doidos pra algum lugar. Eu ainda não consegui, mas eu tenho certeza que eu vou conseguir. Não sei como, mas eu vou conseguir.

**Clara:** Vai. E você morava num terreno quilombola?

**Fafá:** Morei, com a minha mãe. Ela vendia acarajé, com um pai de santo chamado César. Nunca me esqueço disso. Era o nosso alimento. Sobrava acarajé e a gente comia na hora do almoço, sabe?

**Clara:** E foi onde você nasceu, onde você cresceu.

**Fafá:** Eu nasci na Bahia, em Salvador. Foi lá que...

**Clara:** Nesse terreno. Tem um nome?

**Fafá:** Não vou lembrar, isso aí já é difícil. E é muito louco, eu nunca ia imaginar: eu, menino pobre, sem mãe, sem pai, que dormiu na rua... Dormi na rua um bom tempo né, em Salvador, e...

**Clara:** Criança?

**Fafá:** Criança. Voltar pra casa era um processo muito duro, porque meu tio tinha um problema com alcoolismo. Ele já tinha problemas com o filho dele, e tinha mais outro filho de uma irmã dele. Não tinha formação, e era violento. Então, pra mim, era melhor dormir na rua do que voltar pra casa. Só que o mundo me ensinou muita coisa importante pra minha vida. Me ensinou muita coisa legal de eu entender. O que mais me machuca nesse processo todo é eu ser negro, porque parece que nós... Que minha mãe sofreu muito com isso né. Minha mãe. E parece que nós nascemos com um negócio muito louco, porque... Lá fora (do circo) tem pessoas que me vêem e não falam comigo. Sabendo que eu sou um professor, que to ali dando aula. Eu só sou bem visto quando tô com pessoas de pele clara. Mas eu acredito muito no que eu faço, eu acredito muito na educação. Eu acredito muito, então por isso que eu vou tá sempre lutando. Pelo espaço, pela cultura, por tudo. Porque eu acho que transforma tudo isso e a cultura tá junto, né? E... (percebe que eu quero falar) Pode falar.

**Clara:** E você lembra do que a sua mãe te ensinou? Sobre raça.

**Fafá:** Naquela época, lá atrás, minha mãe nunca falou. Ela já sofria com um processo de opressão mesmo. Além disso, minha mãe tem os traços muito fortes: lábios grossos, nariz amassado. É a imagem dela (mostra o grafitti na parede). Nariz grosso. Ela já não conseguia emprego, tinha todo um processo de opressão que a gente, naquela época, não entendia, Eu fui entender o que era racismo mesmo quando eu vim pra São Paulo. Eu achava normal a policia me parar em Salvador e me dar chute, me bater, mão pra cima... Achava que aquilo era normal.

**Clara:** Desde pequeno que ce tomava chute da polícia.

**Fafá:** É, desde. Eu fui entender isso quando eu venho pra São Paulo, que eu começo a me ligar, que eu começo a ir atrás. Em busca de leitura, de escutar outras coisas. Hoje eu entendo, muito bem. Mas antigamente eu achava que era normal aquilo. Não é que a minha mãe não quis ensinar. Primeiro que a minha mãe não tinha educação, ela não tinha formação. Minha mãe não sabia ler. Eu sou o único dos filhos dela que pisou em uma faculdade. Uma faculdade particular, mas foi uma faculdade. Entrei lá dentro, fui até o quarto semestre. Não terminei porque pra mim não era... Eu tava... Tinha um caminho meio perdido. Eu sempre fui muito bom no que eu fiz, que foi circo. Tudo que você botar pra fazer no circo eu vou fazer, e

vou fazer bem. E eu não fico me aparecendo pra ninguém, mas eu vou lá e faço. Talvez, se eu fosse um homem de pele clara, de olho azul, eu tinha outro... Cê entendeu? Mas é isso, cada dia vou acreditando no que eu posso levar e onde eu posso chegar. Mas eu não to sozinho, tem algo atrás de mim. Que já me deu vontade, lá atrás... Eu vou te contar uma coisa que talvez seja um pouco triste e você fique um pouco em choque. Já me deu vontade de cometer suicídio um tempo na minha vida. Porque era tanta violência que vinha, parece que eu tava pagando um pecado. Eu falei "se eu não conseguir chegar até onde eu quero, pra mim a vida não faz sentido".

**Clara:** E isso rolou mais de uma vez, pra você? Esse sentimento.

**Fafá:** Sim, várias vezes. Falei assim "meu, não tem sentido isso pra mim". Não consigo nada, sem nada. Tudo que eu faço... Minha vida mudou com 30 e poucos anos, minha vida começou a mudar. Sabe? Todo dia... Eu morava no circo, era problema de... Sabe? Acho que a nossa família tá pagando um pecado, né? Mas ai de tanto falar "calma!", hoje eu to ai com o espaço, lutando, foi um processo muito louco. E to ai dando aula há anos na minha vida.

**Clara:** E como você saiu desse limbo? Desse processo de...

**Fafá:** Eu saí logo depois que eu conheci a mãe do meu filho, que é a Ana. Nesse processo todo ela queria namorar, mas eu não queria, descobri que ela é de família... Que além de ser branca, eu sou negro, nordestino, artista de circo. E ela é de família que tem uma estrutura, praticamente nasceu em berço de ouro. E eu (risos) nasci no mundo né. Nunca, nem nasci no hospital. Ela ficou durante 6 meses querendo ficar comigo. Aí acabei que tive um acordo com ela que eu falei "ó, eu namoro com você, mas não quero nada da sua família". E aí através disso eu fui atrás das coisas, lutar, dar aula. Teve dia que eu cheguei a fazer trampo que eu não aguentava ficar em pé. Cê me conhece aqui e eu não paro, tô o tempo todo fazendo coisa. To o tempo todo na minha cabeça produzindo coisa. Tem dia que eu não tenho nem saco pra responder whatsapp, mas eu to produzindo. To lá, preocupado com o espaço. Que se eu não me preocupar com essa casa, as professoras não vao se preocupar com a casa. É eu que sou aqui. Que nem agora eu cheguei hoje e perguntei "como foi a aula de ontem?", que eu não to vindo de quinta, e "ah, não veio ninguem". E na sexta-feira vem um monte de gente, entao eu preciso me desgrudar desse processo de aula, pra ter que ensinar outra professora. Ou entao eu pensar em contratar outra professora. Porque nao pode ficar tudo comigo. Eu to praticamente com 50 anos. Não quero ficar velho e dando aula, o resto da minha vida. E eu tenho que passar tudo que eu passo, a minha forma de dar aula. Porque as pessoas acreditam em mim? É a forma de eu trabalhar. Eu brinco muito com vocês, e vocês olham pra mim e acreditam. Entao eu tenho que passar confianca pras pessoas que tao trabalhando comigo. Mas pra isso tem que ter um processo de a pessoa tambem querer, que nem eu quis. Eu tive todas as possibilidade desistir da vida, todos os caminhos. Eu lembro quando eu era criança que as pessoas falavam que eu ia ser marginal. Mas uma coisa que eu tenho muito na vida, voltando pro caminho lá atrás, tinham duas senhoras que eu saia do circo - morava muito longe né - e tentava pegar o busão e passar por baixo, mas os cobradores não deixaram. Aí tinha uma mãe que me levava até o ponto. Que onde eu morava era muito perigoso né. Saía e

tinha um corpo aqui, um corpo ali. E ela falou "ce vai muito longe, filho. Não desista do seu caminho." E foi muito louco né, ela tinha os filhos dela mas ela via a minha questao de ir mesmo, de acreditar. Mas eu tive todo o caminho de não conseguir. E a vida me testou muito, muito, pra eu chegar ao 30 e poucos anos. O espaço tem 4 anos.

**Clara:** Recente.

**Fafá:** É, super. No primeiro processo no espaço, que ele começou, eu paguei uma divida muito cara. E você ve como o mundo é tao louco, nesse processo de pagar a divida. Uma menina que eu nunca vi na minha vida, quando eu fui almoçar com uma amiga, e ela levou uma amiga, e a amiga dela perguntou do espaço. Eu falei que ia ter que ceder o espaço, e a menina foi la e falou "eu vou te dar R\$7000". E eu nunca vi a menina na minha vida. Ai eu pensei que era mentira. Passou duas semanas e ela falou "ce não vai querer o dinheiro não?", e depositou R\$7000 na minha conta. Eu to sozinho nesse caminho? Tô? Não to sozinho nesse caminho, algo muito importante tá comigo. A menina foi la e me deu R\$7000. Aí eu paguei, dei R\$18000 pra minha ex-sócia, e fui pagando. Que eu tinha que pagar R\$30000. Paguei. Aí no processo que o espaço começou, veio a pandemia. Ce entendeu? Que vida ela vai ali comigo.

**Clara:** Vai te testando, né?

**Fafá:** Vai te testando. Então, ce entendeu porque que eu tenho que resistir e ser forte?

**Clara:** E porque que você resiste?

**Fafá:** Eu resisto porque eu tive uma mãe que sofreu muito com isso. E tudo que eu faço é pela pessoa que tá comigo. Ela sofreu muito. E eu preciso, é uma coisa que eu disse até... Eu sempre acordo e falo isso: eu vou levar o nosso nome muito mais do que as pessoas imaginam. Nosso nome vai... Quer dizer, o nome que eu levo e que ela levou no batismo dela. Porque a gente não sabe qual é o nome real da minha família lá atrás, por causa da questão da escravidão. Quando chega, no navio negreiro, que desce na Ilha dos Frades. Que lá tem o batizado, que o padre batiza e dá outro nome. Mas o nome que a gente tem, que é o Nogueira, eu vou levar muito longe. Eu tenho certeza disso. Que ela colocou uma sementinha aqui, e eu sou uma sementinha de algo importante que me colocou aqui. Porque eu sei que eu vou levar algo muito grande pra essa família. Eu digo isso, eu não nasci do nada. Eu to aqui por algo muito importante que vai acontecer. Eu to esperando, eu to me preparando, pra algo que vai acontecer na minha vida. E eu digo porque olha onde eu to. Quem diria que um menino que veio só de mochila, e eu to em Pinheiros, o bairro mais caro de São Paulo. Tenho um espaço, e cheguei sem porra nenhuma. Cheguei com um mochila, e levava um carrinho de mão que as pessoas tinham medo. Quando eu passava na rua. E tem medo até hoje quando eu passo na rua, né? Porque eu sou negro, mas não to nem aí pra eles. Ai eu subo andando pra botar um tecido la no meio de uma arvore. Ó onde eu to. Geralmente as pessoas hoje que tem escola, que outro dia eu vi um cara que tem escola me criticando, a única diferença que a gente tem que ele pode me criticar é que eu não nasci de onde ele veio. Que ele veio de berço de ouro,

eu não. Eu nasci no mundo. Rolei pra tá com isso aqui. De hoje eu tá vestido, de hoje eu poder dar uma educação legal pro meu filho. Eu não vim com família que teve grana, eu tive que ralar muito. De poder acreditar. Ai o cara vem fazer piadinha comigo. Ele teve um caminho totalmente diferente do meu. E se eu to aqui hoje, ele tem que agradecer. Porque a maioria da gente não consegue nem chegar. E não vem falar de meritocracia que isso não existe. Que tem pessoas que vem com esse papinho, né? Isso não existe. Vamos lá! (risos)

**Clara:** Eu vou voltar, perguntar um pouco mais da sua infância.

**Fafá:** Pode perguntar.

**Clara:** Ce tem irmãos?

**Fafá:** Tenho.

**Clara:** E ce conviveu com eles?

**Fafá:** Então, o destino foi muito louco nesse processo. Logo quando a minha mãe partiu, eu convivia com a minha irmã que é a Rose, que eu sou mais próximo, com o Luciano e a Rosa. Esses dois irmãos eu convivi muito pouco, e eu não tenho tanta lembrança. A minha irmã logo cedo engravidou, com 15 anos. A Rosa. E o meu irmão tem todo o problema que é muito mais difícil, talvez seja o mesmo problema de perder uma companheira. Eu sempre tento - e sou o único da família - falar com todo mundo. E tavam todos os meus irmãos, antes de ter o Chico, eu sou o único dos irmãos que tem uma situação financeira melhor. Então eu ajudava todo mundo, mandava dinheiro pra família dos meus tios, mandava dinheiro pra todo mundo. Só que depois que veio o meu, que veio de mim e da mãe, que é a Ana, eu tive que fazer o processo de ajudar a minha família, aí eu deixei. E eu falo muito pouco. Todo final de semana eu ligo pra minha irmã, ligo pro meu irmão. Meu irmão eu não consigo falar, mas minhas irmãs todo dia eu falo. Todo dia eu falo. Toda vez eu to falando com ele. Mas o processo, logo isso, quando a minha mãe parte, meu irmão vai morar na rua, minha irmã vai pra outro processo, que foi casar com o marido dela e passou por toda uma questão de violência. Como sempre da mulher preta né. Fale.

**Clara:** (risos) Não! Tava deixando você falar. Mas eles não tiveram nenhuma relação com o circo?

**Fafá:** Meu irmão Luciano, tiveram. Porque assim, quando teve o Projeto Axé, que pra mim foi um dos projetos sociais mais incríveis que existiu. Foi um dos projetos mais que eu vi que era feito de uma maneira honesta mesmo. Que vários que eu vejo aí só tá aí pra botar um menininho, uma menininha preta. E era um dos mais honestos, junto com o Picolino.

**Clara:** Mas é o Projeto Axé dentro do Circo Picolino?



**Fafá:** Não, existia o Projeto Axé que fazia uma parceira com o circo. O Picolino na época só atendia crianças particulares. Ai o Anselmo teve a ideia, junto com o Cézar, que era um dos donos, em fazer projeto social. Que nem eu faço aqui. Que nem hoje, ce chegou aqui e tinha uma turma de crianças que são bolsistas do espaço. E ai fez essa parceria e dai que a gente começa a surgir dentro do Picolino. Que o projeto Axé, que era separado, ele tinha aula de costura, tinha fabrica de papel, a criança aprendia a fazer tudo lá dentro. Então tinha toda a questão de sensibilidade e conversa com os educadores. Os educadores iam no farol, atrás das crianças, pra ter essa conversa. Era um projeto muito incrível. E eu tenho um respeito absurdo por esse projeto. Essas duas pessoas maravilhosas já partiram, que é o Cézar De La Roca e o Anselmo Serrat.

**Clara:** E o Anselmo trouxe esse projeto pra dentro do circo, mas ele já existia.

**Fafá:** O projeto já existia, que é de um italiano. Cézar De La Roca, um italiano (risos).

**Clara:** Era o dono do circo Picolino?

**Fafá:** Não, ele era um dos donos do Projeto Axé. E o Anselmo era do Circo Picolino.

**Clara:** Entendi. E eles se juntaram pra fazer o projeto social dentro do circo.

**Fafá:** É, não. Na verdade o projeto Axé quis fazer a parceria com o circo Picolino. E foi um processo. Chegou um monte de menino, de comunidade, de rua. Então, praticamente aquilo foi se separando. Quando chega os meninos pretinhos, papai! Não vem falar "ah, eu quero tá juntinho!". Isso é tudo balela. E ai muitos desse meninos, lá atrás, ficaram no circo treinando. Naquela época os professores eram tudo doidos. Ficaram e daquele meio todo, daqueles meninos pretos que vieram dessa questão de vulnerabilidade, eu sou o único cara negro que tenho uma escola de circo. To falando de projeto social. Eu não falo do Jailton, que tá no Cirque Du Soleil, que o Jailton vem de uma situação diferente da nossa. O Jailton que hoje mora na Suíça, Suécia, uma coisa assim, que vem do Cirque Du Soleil. Eu sou o único cara negro que tem uma escola em São Paulo. Se você fizer uma análise ai eu sou o único.

**Clara:** O Jailton ele vem do Circo Picolino.

**Fafá:** Circo Picolino. Mas ele morava na comunidade, ali da Boca do Rio. E ai deu um tempo e ele vem pro Rio, treinar, vem pra São Paulo e vai pro Cirque Du Soleil.

**Clara:** E é seu amigo também, de infância.

**Fafá:** É, esse é amigo. Também. Gente boa.

**Clara:** Tem mais alguém que estudou com você que ainda trabalha com circo?

**Fafá:** Muito pouco. Tinha mais de 30 alunos negros. Que tá trabalhando com o circo assim, que eu vejo, que eu conheço... (risos) Acho que ninguém. Eu nem lembro, só tem um mesmo. Tem as meninas, que tem a Luana, a Nina. Mas vem de famílias de classe média.

**Clara:** Que tavam dentro da escola, mas já tavam...

**Fafá:** Classe média. Agora, os meninos mesmo que vem de uma situação de pobreza, eu acho que eu sou o único que tá ai nessa batalha há muitos anos.

**Clara:** E ce acha que o circo contribui pra você querer continuar a resistir, a viver?

**Fafá:** O circo contribuiu sim, porque logo há um tempo que eu saí do circo. Como eu passava fome, não tinha o que comer, eu fui vender jarro. Sai do circo e além de vender jarro eu jogava bola. Tentava fazer peneira pra entrar.

**Clara:** Time assim?

**Fafá:** É, fazia peneira pra entrar no campo profissional. Ia jogar na época. Só não joguei porque não tinha documento nenhum, meu pai não me registrou. Eu não tinha documento nenhum. E ai vendia jarro de dia e de noite eu montava palco de igrejas, pra ganhar R\$30 naquela época.

**Clara:** E ce aprendeu a montar também dentro do circo?

**Fafá:** É. Montava tudo, eu queria ganhar grana, E a única coisa que eu tinha medo na minha vida era, eu tinha muito medo de ser preso. Então eu trabalhava mesmo. Eu tinha muito medo. Tenho muito medo da policia. Sempre tive, ate hoje eu tenho. Uma coisa é eles lá e eu aqui. Não quero nem saber. Segurança publica pra mim é uma coisa que não funciona. E ai o Anselmo foi atrás de mim, foi na hora que eles fizeram os jovens instrutores. Ai que eu voltei pro circo.

**Clara:** E isso você tinha quantos anos?

**Fafá:** Ah eu tinha uns 16/17 anos. E ai já fazia esse trabalho como pedreiro também. Que a minha família toda, meu tios são pedreiros né. E eu não queria aquilo pra mim. E ai voltei pro circo, com todas as minhas dificuldades. Eu tinha um problema muito serio de relacionamento, tinha mesmo. Porque as pessoas não me entendiam, que eu tinha esse problema de relacionamento. E eu perdi a pessoa mais importante da minha vida. E eu não fui preparado pra ter uma transformação social, de tá com as pessoas ali. Eu não tive isso. Então em cada processo eu fui sendo martelado pela sociedade, pelas pessoas. Minhas comunidade me chamava de maloqueiro, menino de rua. E quando eu volto lá hoje as pessoas me veem como se eu fosse uma estrela. Tem pessoas que tem uma certa dor de cotovelo, que é normal de acontecer. O menino que viveu na rua e que hoje subiu em grande palcos. Fiz show até pra Hilary Clinton, na minha vida. Ce tem noção disso? É que eu não gosto de falar muito de

coisas que eu fiz de importante. Fiz vários shows importantes. E a coisa que mais me magoou nesse processo todo é fazer espetáculo e não tinha ninguém. Lembro de um show que eu fui fazer no Teatro Castro Alves, que é tipo o Teatro Municipal de São Paulo, e não tinha ninguém pra me ver da minha família. E ali foi uma das coisas pra mim que me marcou muito. Eu fazia vários espetáculos e todo mundo recebia as pessoas no camarim e eu não tinha ninguém. Então eu fui aprender a lidar com a solidão. Eu sou muito sozinho na minha vida. Eu tenho o meu filho, eu tenho a Ana, minha esposa. Mas eu sou muito só. Eu to muito quieto. Eu fico muito aqui sozinho. Fazendo minha coisas, eu sou muito só. Eu não um círculo de amizade forte. Não tenho. Eu fico muito no meu mundo. Eu sou um cara muito sorridente, to muito feliz, mas to muito quietinho. Dificilmente ce vai me ver andando em grupo. Ce nunca vai me ver andando com um grupo de pessoas. Eu to sempre sozinho, Evito ir em um monte de lugar. Porque eu aprendi a viver sozinho nesse processo todo. Eu não aprendi a conviver com os amigos. Eu tenho os amigos la de Salvador. Que pela questão de bairro pobre você não pode confiar em sair com os amigos, que eles podem tá vendendo droga. E por ser um menino de pele preta a policia chega logo atirando. Ai vou ser mais um que morreu ali e as pessoas vão ver que tava envolvido com droga. Ai eu evito bastante.

**Clara:** E os amigos que você mantém são os seus amigos de infância?

**Fafá:** É... Os meus amigos de infância eu não falo mais. Eu estive em Salvador no inicio do ano, e eles me veem como se eu fosse um cara que ficou bilionário, ficou rico. Ô papai, quem dera!

**Clara:** Ah tá bom. Artista, preto, no Brasil, bilionário.

**Fafá:** Porque eu chego em Salvador e alugo um carro. Eu vou com a minha mulher e o meu filho, e como em Salvador tem muita questão de assalto, por causa da questão de desemprego. É um dos estados do Brasil que tem maior a questão de desemprego, o Nordeste. Então não da pra confiar muito de sair. De noite a gente vai ver amigo ali, amigo aqui, fica vendo as pessoas. Então não da pra você ficar pegando transporte, porque tem muito assalto em transporte público. Então as pessoas veem você alugando um carro e "nossa, mudou de vida! Ficou bilionário!". Falei "porra velho, quem dera". Quem sabe né papai. Mas a vida é isso, pode fazer mais pergunta.

**Clara:** Faça. E a questão de identidade. Como você construiu sua identidade pensando que sua mãe morreu quando você tinha 9 anos de idade, e seu pai tava vivo ainda...

**Fafá:** Vivo.

**Clara:** Mas ausente.

**Fafá:** Não, na verdade, eu não nasci pelo meu pai. Acho que minha mãe produziu eu sozinho sem meu pai, porque só vi ele uma vez.

**Clara:** Gerou.

**Fafá:** Gerou. A minha Valdelice Nogueira. Na verdade assim, como ela é uma mulher preto, eu não sei da forma que foi construída o relacionamento deles. Não sei se foi questão mesmo de um relacionamento ou se foi de um abuso. A gente não sabe todo o processo que aconteceu lá atrás. Com meu pai, com minha mãe. E essa questão da minha identidade, minha referencia sempre foi minha mãe, uma mulher preta. A foto dela não é de uma mulher feliz. É uma mulher que sofreu muito nesse processo. Eu vou te conta: minha mãe cometeu suicídio, muito jovem. Eu não gosto muito de falar disso. Minha mãe cometeu suicídio muito jovem, por causa de todo esse processo de opressão da sociedade, né? A sociedade, o homem, que ele acha que não, ele vai te colocando num caminho muito perigoso. E eles não percebem que eles fazem isso, sabe? Segunda-feira deixei meu filho na escola, parei o carro no meu prédio. Aí to saindo, o cara me viu e ficou assustado, morador ali do prédio, que é novo, como algumas pessoas vão alugando. Meu prédio não tem porteiro, tem dois portões que tem chave. Aí ele falou (alguma coisa) e eu falei "não, eu tenho a chave". E eu entendi bem o que era aquilo. É questão de... De racismo, né. E aí é muito difícil lá atrás. Se hoje eu sofro esse processo, imagine pra uma mulher preta do nariz assim, papapa. E quando a pessoa fala assim: "ah, ela cometeu suicídio e é uma coisa trágica". Nem sempre é uma coisa trágica. Nem sempre é. Porque você tá vivo e sofrendo o tempo todo. Porque a sociedade vai te colocando num processo muito perigoso, ela vai te oprimindo. Então você tem que ser muito forte de resistir, todo esse sistema que é colocado. Você não consegue ir em lugar nenhum, porra. Eu lembro muito do Frantz Fanon, do livro que eu li né: Máscara Preta Homem Branco, não vou lembrar direito (Pele Negra Máscaras Brancas). Ele fala da questão do homem que vem do continente africano que vem pra França. Mesmo ele morando tantos anos na França ele nunca vai ser um cidadão francês. Os franceses sempre vão olhar ele como um cara que vem de um outro país. Mesma coisa eu, menino pobre, que migrei pra uma classe média: a classe média nunca me aceitou. E eu sei da maneira que ela reage comigo. Eu sempre ouço a pergunta: "e o que você faz?". E é uma questão de racismo mesmo, porque não é pra eu tá ali. Que que esse cara tá fazendo aqui? Casado com uma mulher branca? Deve ser alguma coisa! Deve ser alguma coisa, futebol... A pessoa nunca pode olhar você como se fosse um doutor. Eu to dando aula, eu sou um professor de circo. Eu posso não ser um doutor de uma faculdade, mas eu to te ensinando. Eu ensinei um monte de gente nessa vida., que aprendeu a sobreviver através do circo. E as pessoas não enxergam como é isso. Porque? Porque eu sou um homem preto. A pessoa nunca me vê como se eu fosse um médico. A sociedade do homem não entende, mesmo ela lutando contra o racismo, e faz umas perguntas muito perigosas. E a gente vai perguntando cada vez mais "meu, que que eu to fazendo aqui?". Ce tenta entrar em um lugar, o cara não abre o portão. Ce tenta ir em vários lugares e ce fala meu... Não quero mais essa vida. Porque parece que lá atrás já massacrava a gente o tempo todo, essa questão do racismo, e ela continua até hoje. Eles não tão te chicoteando, mas o olhar machuca dez vezes mais que uma chicoteada. Você entrar em um lugar e não ser bem atendido, sabe? E a desconfiança com a pele preta, sabe? A gente tinha é que ter desconfiança do homem branco, porque quem fodeu o ser humano não foi o homem preto. Foi o homem branco, que tá até hoje fodendo o sistema. O cara que deixou de declarar não sei quantos milhões de impostos, e agente fica pagando por um preço muito mais caro. Como

se fosse pegar - como eles usam, a palavra racista - um "neguinho", que rouba um celular, e tem que matar em praça pública. Tá certo isso mesmo ou tem que matar o cara que não declara não sei quantos milhões? Mas a gente paga o preço mais caro, a gente é o vilão da história. Eu acho isso uma coisa muito horrorosa, e a gente fica com medo. A gente tem medo de viver, tem medo de ir em tal lugar, tem medo... Sabe? E aí fala "meu... Será mesmo?". Você vai no IML e a maioria dos corpos que tão lá dentro são de pessoas pretas. Ela fez errado? A sociedade fala que fez. Tem certeza?! A gente não sabe. Que nem eu to aqui. Eu tenho um espaço, eu posso sair aqui e o cara falar que vim assaltar e me matar! Quem me conhece, até tentar achar a verdade, eu já parti! Tiraram a vida de uma homem que tá lutando por uma questão. Eu abri o espaço não é só pra dar aula pra vocês. Eu quero ver meu povo aqui, preto. Eu não tenho grana nenhuma pra ter turma de bolsista, que eu tenho aqui. Mas eu acredito nisso, que um dia eu vou ter e vou poder bancar isso. Eu acredito por isso, então eu luto por isso. Eu sei que eu vou ainda transformar esse negócio. Por isso eu acho que algo vai acontecer. Eu sou meio doido, mas eu to buscando, to na luta. Pode perguntar mais! (risos) Tá pensando?

**Clara:** Tô, to pensando. (silêncio) Acho que é importante isso também, né. Acho que a partida da sua mãe também acaba te ensinando o porquê de você ter que continuar.

**Fafá:** A sobreviver, né? É a sobrevivência, a lei da sobrevivência. Quando minha mãe parte, e eu vejo toda aquela cena dela. E logo em seguida vou morar com nossos tios, sabe? E tinha toda a questão de violência. Meus tios não tinham nem o que dar de comer pros próprios filhos deles. E minha mãe era uma mulher lutadora, né? Ela não sabia nem ler nem escrever e ela que conseguiu moradia pro meu tio, ela que ia brigar lá na subprefeitura, batia de frente pra direito a moradia. E eu sou ela. Ela partiu, mas eu sou ela praticamente. Eu sou um cara que luta pelas minhas coisas, e eu não luto sozinho. Eu tenho certeza que ela tá, e meus guias todos, tão junto comigo. E eu sei o caminho que eu faço. Eu não vou tá aqui querendo tirar em cima de você. Que vocês tão aqui o tempo todo. Eu só fico esperto porque tem pessoas que querem me enganar! (risos) Aí eu fico ligado! Como eu sou muito... A galera tenta me enganar! Mas não vai me enganar não, entendeu? Então a minha mãe, com ela eu não tive esse contato. Mas ela deixou uma coisa muito importante comigo: "mano, você nasceu preto! Não desista, lute!" E eu to aqui e vou lutar até o ultimo momento que eu tiver na terra. E eu to plantando uma semente que talvez lá no futuro será contada. Não sei se pelo Chico, que é meu filho, mas talvez por outra pessoa. To plantando uma semente que um dia vai ser contada. E eu quero que a semente continue germinando: que ela se floresça, venham outras pessoas e continuem esse projeto. Que eu to plantando uma coisa que é pro futuro. Mas através dela: foi ela que me colocou nesse processo todo. Nesse caminho, e nesse caminho eu continuo lutando. Porque minha mãe lá atrás lutava por direito a moradia, e eu continuo lutando agora por direito a educação, por direito a transformação, por um monte de coisas que eu to aqui. Não é porque eu to dando aula particular. Eu dou aula particular porque tem a questão da sobrevivência. É a lei da sobrevivência. Fui outro dia fazer um trabalho e falaram "ah, porque você da aula pra branco!". Eu vou dar aula pra branco! Você acha que eu vou dar aula pra quem? Só?

**Clara:** Pra quem tem grana pra pagar.

**Fafá:** Quem tem grana pra pagar! Então não vem me criticar. Se você quer me apoiar, me ajude! Vamos lá, juntos. Agora, criticar um homem que se fodeu muito lá atrás, que tá hoje lutando por uma coisa. Vem criticar? Não vem me criticar não, papai! Eu to na luta ha muitos anos, e eu to na luta sozinho! Eu não tive na luta com apoio de ninguém. Meu caminho foi sozinho. Eu não sabia nem se eu taria vivo hoje. E hoje eu to aqui e to com 41 anos. Hoje quando eu consigo sentar em um restaurante - que tem que ser restaurante que eu conheço, que tem um que eu vou que o atendimento é horroroso. Por exemplo, hoje eu fui num mineiro aqui que todo mundo me conhece, me chama até pelo meu nome. Pra mim é uma grande satisfação, porque na minha vida eu nunca nem sonhei isso: sentar num restaurante, ser atendido e falar "eu quero uma caipirinha e vou comer um almoço legal". Imagine? Com 41 anos, é uma sensação de felicidade. Porque eu to construindo isso. Se a minha mãe tivesse viva, ela taria feliz pra caralho com o filho dela. E ela taria bem! Mas sentar em um lugar e falar "mano, ó onde eu to". E eu me vejo no meu espelho, né? Em todo o processo da minha vida. Eu tive que ficar limpando vidro de carro pra conseguir grana na minha vida. Aí quando eu fui pra Salvador fiquei num hotel chamado Del Ville, que é 5 estrelas. Eu passava distante, porque não queria nem passar perto do segurança. E outro dai eu tava hospedado lá. Eu chorei pra caralho! De emoção, entendeu? De emoção. De falar "olha onde eu to". Mas porque? Porque eu lutei pra caralho. Quando eu fui pra Salvador, eu fui com meu filho... Foi muito forte aquela cena, muito forte mesmo. Eu fico até... A gente pegou o carro 45:46 e fomos caminhando, e eu fui falando todo o processo da minha vida pra ele. Ele chorou muito nesse dia. Eu passei e falei "filho, o papai dormiu aqui, debaixo dessa ponte. Fui, pedi esmola nesse sinal. Aqui foi a última vez que eu vi meu pai. Que eu vi o meu pai, que foi no Campo Grande. Foi a última vez que eu vi ele.". O Chico começo a chorar pra caralho, fui passando. Eu chorei pra caramba esse dia, né? Com ele, né? Porque pra mim é uma transformação muito louca. Aí passei e falei " aqui é onde a mamãe do papai foi enterrada.". E aquele processo foi tão louco, porque mexeu muito com ele. Que ele viu que o pai dele nunca teve um caminho fácil. Foi um caminho de muito acreditar, de lutar, de ir pra cima. De não desistir. Porque todas as possibilidade da vida, ele me colocou. Falou "você não vai conseguir.". E hoje eu to aqui, to sobrevivendo esse sistema que cada vez me proíbe. Mas cada vez eu luto, porque eu posso tá nesse sistema aqui. Porque eu posso tá vivo nele. E cada dia mais eu luto. E o Chico escutando isso ele viu e sentiu muito. Ele tem que saber o passado do pai. E desde cedo ele tem que saber. Eu chamo o meu filho de playboyzinho. É um playboy.

**Clara:** Nasceu com uma condição boa.

**Fafá:** Com uma condição melhor. Meu filho estuda em escola particular. O pai dele nem na escola passou direito. Que aquele governo lá, coronel do ACM, que fodeu um monte de gente, ficou um monte de baiano pagando pra esses caras aí, que agora o sobrinho se candidatou e vai ganhar. Um negócio horroroso! A educação foi péssima, desses caras. E quando eu vejo esse governo atual, desse homem, genocida, que tá hoje, é a mesma coisa que

tava lá atrás do ACM. E talvez o ACM seja até pior que esse homem. Então eu falo isso pro meu filho pra ele saber "poxa, velho..", e ele sabe disso.

**Clara:** Pra ele saber o lugar que ele tá também, né?

**Fafá:** Pra ele saber o lugar...

**Clara:** Que ele tá partindo.

**Fafá:** É, e pra ele mesmo falar "olha o caminho do papai". Porque ele sabe, tanto que ele fica com muito medo de toda vez que eu sair eu não voltar. Ele tem muito medo mesmo. Ele já conversou comigo sobre isso. Que ele sabe que o pai dele é preto. Ele já sofreu racismo comigo no prédio, que eu fui levar ele na escola e não me deixaram entrar. Ele sabe disso, o pai que ele tem. Mas é um pai que luta muito contra o sistema. Que luta todo dia. Quando fui no espetáculo falei que só entrava com a música Homem da Estrada (Racionais MC's). E se eu vou desagradar alguém, eu não to aqui pra agradar ninguém. Eu to aqui pra falar aquilo que eu acredito. Se as pessoas não querem, vai embora! (...) Se as pessoas tão aqui é porque elas acreditam nesse projeto. E não é um projeto que vai levar ninguém pra maldade. Eu to falando de uma historia de vida, de onde eu to. Se te magoa, vá pra outro lugar!

**Clara:** É, e não só professor daqui, você tem que ser professor do seu filho, né? E eu também imagino que seja um processo super delicado também, de você ensinar uma criança desde o zero.

**Fafá:** Foi muito louco isso. Eu falo as vezes com a Ana sobre isso. Eu fui criado através da violência, e uma coisa que eu nunca fui na minha vida é violento, nunca, graças a deus, graças a meus orixás. Nunca. Nunca cheguei no meu filho e dei um tapa nele. Nunca. Nunca dei e nunca vou dar. Eu nunca fui educado com a conversa, mas eu aprendi que a conversa é muito importante. Quem me ensinou isso foi ser educador. Através da educação me ensinou muita coisa importante. A violência não vai te levar a nada. O que vai te levar a algum lugar é a conversa. E com o Chico é muita conversa. Converso muito com ele, falo muita coisa. Falo das questões de abuso, tudo que tem com meu filho eu converso com ele. Outro dia eu tava ensinando meu filho a ler! Ensinando matemática pro meu filho. Ali foi uma coisa tão transformadora. Imagine se minha mãe tivesse a oportunidade de me ensinar. A única lembrança que eu tenho dela é de quando a gente tava na mesa e a gente comia macarrão. Essa é a lembrança que eu tenho, que era macarrão com frango. A comida mais barata. Era o frango que chegava na mesa do pobre. Não chegava feijão. Feijão não chegava pra pobre. Nem carne. Eu tento ensinar pro Chico que ele tá ali naquele caminho porque o pai tá lutando muito pra mostrar pra ele. E eu acho que ele vai levar isso do pai, eu tenho certeza disso. Que eu quero que ele não cresça sendo um cara que não entenda o que é diversidade, tem que entender o que é homofobia, tem que saber todos os preconceitos que existem. Porque não adianta o pai lutar e fazer um filho que nem aquele cara do Palmares. Que o pai era um cara que lutava contra o racismo e o filho é um bosta. Eu de que forma ele educou a criança, mas eu tento educar o meu filho de uma maneira muito importante. E ele tá aprendendo. É sempre

conversar, vamos sentar aqui e vamos conversar. Outro dia mesmo ele tomou uma bronca porque chamou, brincando, uma menina de "franguinha". E eu falei pra ele que a professora tava certa de dar uma bronca nele. Falei "você tava brincando com o papai em casa, porque você levou pra escola? A brincadeira a gente fez dentro de casa. Ce tava chamando o papai de franguinho, porque você levou pra escola? A professora tava certa, e você não pode chamar ninguém de franguinho.". E na hora ele aprendeu. A professora tava certa mesmo. Porque tem uns pais hoje que o filho não pode tomar bronquinha do professor. Aconteceu aqui na sala. A professora deu bronca na menina e a menina foi embora. Criança é feito pra ser corrigida. Se a gente que é o transformador não vai corrigir a criança, quem vai corrigir ela no futuro? Vai crescer um merda? Um bosta? Que não vai respeitar o outro? Criança tem que ser corrigida agora. A nossa correção lá atrás era na violência. Eu lembro que ia pra escola e tomava cascudo. Palmatoria. Hoje eu acredito muito no que o Paulo Freyre fala: a educação é o berço de tudo. Se o educador tá aqui é pra dialogar, conversar, tentar achar onde ele pode te escutar. Você não vai transformar ninguém assim (na base da violência).

**Clara:** E isso desde os 16 anos? Desde quando você começou a lecionar dentro do circo você vem criando essa perspectiva. Como que era a sua forma de lidar com o lecionar e os alunos, desde que você começou ate agora. Ate chegar nessa perspectiva da importância da conversa, do dialogo.

**Fafá:** Eu aprendi a conversa pela maneira que eu fui educado. Fui educado na base da grosseria. E quando você da aula você pega a criança com varias dificuldade. Ela tem dificuldade na coordenação motora, ela é tímida, ela tem vergonha. E ela sempre fala assim "eu não consigo". Eu acho - e é uma coisa que eu falei no meu espetáculo - que todo mundo consegue. Tem varias pessoas que tão aqui pra te fazer desistir do caminho, e eu falo muito isso. Outro dia eu peguei uma aluna aqui que não tinha uma perna, e as pessoas ficam olhando. Ela fez uma aula muito legal, e ela saiu daqui super feliz. Outro dia eu dei aula pra uma aluna que não tinha um braço. Botei ela no trapézio, sabe? Eu acredito nisso. Ce não vai pegar um aluno todo dia que é facinho, que nem pegar a Clara que tem um alongamento bom. Não! Quando você da aula você vai ter desafios, e ce tem que acreditar que aquele desafio que chegou é importante pro seu caminho de aprendizado, pra ser um grande professor. Que o professor transforma. Tem professor em uma escolas que acham que vão pegar o aluno já pronto. Não, você tem que pegar o aluno do berço. Outro dia peguei um aluno aqui no espaço que era ruim pra caramba! André. O menino saiu daqui fazendo estrela e mortal. A galera não acreditava. Depois ce pergunta pro Gabriel.

**Clara:** É, o próprio Gabriel. Ce falou também né que ele chegou aqui e não sabia nada.

**Fafá:** Não sabia nada! E eu ali acreditando, preparando. Eu nunca vou virar pro aluno e falar "você não tem capacidade de aprender". Todo mundo tem. Tem pessoas que querem pegar o aluno todo cheirosinho pra dar aula. E não é assim. Você vai pegar um aluno com chulé, um aluno que nunca tomou banho, tudo. Venha com ele, abrace. De seu coração pra ele, que ai ele vai ver que existe uma luz e que ele vai poder acreditar naquilo. Se você falar "ah, não quero pegar ele. Ah, não". Venha! Eu cheguei no circo e tava sujo, não tomava nem banho!



Não tinha água! Não tinha nada! Eu lembro até hoje que eu tinha uma cueca, e só passava a parte da frente, que atrás era rasgada no fundo. E vários professores que eu tive na minha vida não foram professores transformadores da minha vida. Eu tinha um professor, que era o Ivan, que mandava a gente arrancar grama. Tratava a gente como se fosse um animal. Ai ao longo do processo da vida, que eu comecei a ir pra fora, ele veio e falou que sempre acreditou em mim. Acreditou mesmo? Um outro professor também que eu tive, dava aula de musica, quando a gente foi fazer uma turnê na França e tinha uma parte de coral. E meu, eu nunca fiz musica, tem que ter uma trabalho. E ele falou "você não vai cantar porque você não presta". Aquilo ali me marcou de uma maneira que eu nunca esqueci, hoje eu tenho 41 anos. E ele me perguntou outro dia se eu levei a serio. Eu era apenas um adolescente! Imagine eu chegar pra uma menina e dizer que ela não serve pro circo? Qualquer um serve pra fazer qualquer coisa! Vai ter um que vai ter facilidade e um outro que vai ter dificuldade. Ce tem que acreditar no aluno. Acreditar que ele pode aprender e transformar. Agora você falar pro aluno que ele não consegue?! "Você vai ficar cantando só dublando". Aquilo me marcou. Eu não quero que meu filho passe por esse processo. Ele tem que ir preparando, ir treinando. Se tá muito em cima da hora e não consegue, vai tentando. Vai me deixar confiante. Agora você falar que eu não sirvo? Um dos maiores exemplos é a faculdade. Quando era pra fazer PowerPoint. Que tem vários alunos que vem de escola particular e outros que vieram de escola publica, que nunca fizeram essa poxa de PowerPoint. E ai é zoadado pelo próprio professor. Ai é muito louca a separação do grupinho, eu passei por isso na faculdade. Escolhe você só porque é inteligente, o outro por outra coisa. Tá tudo errado! Porque aquele menino que sentiu que não serve vai sair da faculdade, vai deixar de tá ali. Aquele menino que poderia tá ali com você poderia virar outra coisa. Porque o grupo excluiu ele pelo que o próprio professor falou. As vezes não é só o grupinho que trata mal, o professor também não tá preparado. Eu passei por isso na faculdade e em outros processos da minha vida. Então quando você quer ser um educador, se você quer transformar, você tem que acreditar. E você não ta ali pra fazer chacota de ninguém, piadinha. Tem professor que já fez piada comigo na sala de aula. Precisa tomar muito cuidado com a educação. Se você magoou alguém ali, pode magoar pro resto da vida. Vai foder o processo daquele caminho.

**Clara:** Você falou que o Anselmo te ensinou com afeto, amor e diálogo também.

**Fafá:** Com o Anselmo foi uma coisa magico. Acho que aquele cara, mesmo com os problemas que ele tinha, era iluminado. Ele tinha um projeto social e sabia que a gente tinha problema. Que a gente não tinha festa. Sentar na mesa no Natal, São João. Ver aquela mesa farta. E ele fazia festa pra gente. Ele levava a gente pra casa dele, em Jauá. Festa Junina com tudo, Natal. Ele fazia tudo pra gente, chamava todos os meninos pra ficar com a família dele. Eu me arrepio todo. Alguém faz isso? O cara fazia aquilo com a gente, e a gente dormia lá. Um monte de moleque dormia na casa do cara. Aquilo não é transformador? Saber que você é bem aceito. Não é só colocar o moleque ali, tem que acreditar. Eu to aqui porque varias pessoas no meu caminho foram me ajudando nesse processo, pra eu poder acreditar. Quando ele morreu, agora, no lockdown, eu não consegui ir pro enterro dele em Salvador. Ele morreu de câncer. Um cara tão bom e morreu tão jovem, 60 e poucos anos. Poderia tá vivo ate mais. Eu nem consegui ir no enterro do cara. Que o cara morreu e não deixou nada. Acreditava

mesmo em todo mundo. Se eu to aqui hoje - e quem diria, um doido - e abri um espaço na Teodoro Sampaio. Olha onde eu to.

**Clara:** Não deixou nada material né, você diz. Mas deixou muita coisa.

**Fafá:** Muita coisa, sim.

**Clara:** Pro alunos que ele tocou, pros meninos.

**Fafá:** Varias coisas. Ele era muito massa.

**Clara:** Apesar de você ter aprendido pela violência, com algumas pessoas, com ele foi pelo amor.

**Fafá:** Eu lembro ate hoje uma vez que a filha dele me zoou tanto brincando que sem querer eu soltei um tapa na Luana. Nunca esqueço dessa cena. Ele chamou **ela**. Não me deu bronca. Deu uma bronca na Luana, falou que ela tava errado. E eu com medo de ele me mandar embora do circo, e ele não mandou. Foi a primeira vez que eu reagi, eu nunca tinha reagido a nada na minha vida.

**Clara:** Com violência.

**Fafá:** Com violência. Foi a primeira vez que eu reagi. Foi um cara que fez muita coisa boa pra um monte de gente. Só que o projeto social tá ali, hoje virou uma moda. Critico, mas também tem um outro lado que é importante. Eu acho que quando você pega um menino que tá numa questão de vulnerabilidade, tem toda a questão do pai, tem que ter assistente social. E quando você pega o menino, que o pai foi preso, a mãe não existe mais, tem que fazer um trabalho até os 20 anos. Ce não acha que ele tá maior, tem que preparar correto. Não adianta você fazer foto, divulgar, ganhar dinheiro. Todo mundo quer ganhar dinheiro, ninguém faz projeto social pra não ganhar dinheiro. Quem não ganha dinheiro é educador. O educador assalariado é o que mais se lasca, o que faz o papel. Então quando você pega um menino pra preparar, tem que dar tudo pra ele. A base, dirigir ele pro emprego, acompanhando tudo. Aí você vai transformar real. "Ah, mas é difícil fazer isso". Se é difícil porque você vai lá então? Antes desse ultimo espetáculo eu fiz um que tinha que trazer 2kg de alimentos. Arrecadamos não sei quantas toneladas de alimentos e fomos levar lá na São Remo, no circo, e o menino que era do circo era porteiro. Será se é importante isso? Não to falando que a profissão de porteiro seja ruim, mas será que é transformador. Não sei, sabe? Mas se você tá ali, faz um projeto, mas não prepara o menino. A Lei Audir Blanc é um dos melhores exemplos disso. Quem ganhou a Lei Audir Blanc a maioria era branco. Na Bahia, nenhum dos meus amigos que eu conheço ganhou. Porque você faz um projeto e você não prepara a criança. Não é só dar pão e circo. Tem que dar circo, sentar com ele aqui no computador e ensinar o que é um projeto, se existe projetos de cultura. Dar um mundo pra ele, pra ele saber que consegue. Dizem "se ele tá aqui ele vai aprender a se virar". Eu acho que o mundo é feito pra isso, a gente se vira, mas é aquilo que eu falo da educação: você vai achar o caminho fácil, e tem

outros que não vai achar fácil. E além disso eu to tentando afirmar que o Circo dos Bichos Doidos é importante pra tá em São Paulo, porque tem um monte de gente que critica ainda, porque sou um homem negro. Tem um monte de gente que ve o Circo dos Bichos Doidos como de fosse uma chacota.

**Clara:** E qual que é a importância que você acha de ter esse espaço aqui em Pinheiros?

**Fafá:** Porque aqui é meu lugar, ele me pertence. Não importa, eu podia tá em qualquer lugar. Eu podia ta em Capão Redondo, eu to aqui porque ele me pertence. Eu não cheguei aqui sozinho. Alguém falou esse lugar aqui te pertence.

**Clara:** E aí você aceitou. Aceitou o fato de que é nesse lugar, com esses desafios.

**Fafá:** Esse lugar, esse desafio. E quebrar um monte de coisa. Eu escrevo projeto e as vezes eu não passo. Porque dizem "ah, no Circo dos Bichos Doidos já tem turma particular". Ou então quando sai os projetos vai pra periferia.

**Clara:** Hm, tá. Só porque você tá nesse espaço, que é de classe media alta...

**Fafá:** Mas aí de um jeito ou de outro eu vou quebrar isso. Eu to caminhando. Se eu não caminho sozinho, alguém vai. Que as vezes eu desço a Teodoro Sampaio e as pessoas ainda olham pra mim meio desconfiados. "Quem é esse cara, onde esse cara entra". Ninguém olha como se aqui fosse um trabalho profissional. Mas se eu fosse um cara de olhos verdes e pele branca, as pessoas iam olhar com mais amor, né? As vezes as pessoas entram aqui e falam "ah, não sei se vou pagar". Porque a pessoa chega aqui, que nem o Anselmo quando me recebia, e eu to aqui com cabelo amarrado, troco ideia, bato papo. E ai a pessoa acha que não quer pagar. (palma) Faz em outro lugar, meu amor.

**Clara:** Você acha que é importante também se infiltrar e ocupar esse lugar da classe media alta, aqui em Pinheiros?

**Fafá:** Eu não quero ocupar esse lugar não, da classe media alta, não. Eu não quero isso não. Eu só quero transformas. Só quero saber que meu povo tem que tá em todo lugar. Quando eu tive a ideia de abrir a biblioteca com o nome da minha mãe, e de receber crianças negras, que é a turma de sexta-feira...

**Clara:** Qual que é o nome completo da sua mãe?

**Fafá:** Valdelice Sena Nogueira.

**Clara:** Como?

**Fafá:** Valdelice Sena Nogueira. Entao quando eu quando eu trago crianças pra cá, é porque eu quero ver o meu povo preto entrando. Que nem outro dia que eu recebi um povo aqui

entrou um cara pra saber o que tinha aqui dentro, policia. Porque? Porque tem pessoas pretas aqui dentro. As pessoas acham que se tem pessoa preta aqui vai roubar a loja do lado. Incomoda essa galera. Como se não fosse o nosso lugar estar aqui. As pessoas que não sabem, que precisam estudar, Teodoro Sampaio foi um homem preto. E as pessoas não sabem disso, então vai estudar um pouco. Esse bairro era de pessoas pretas. Eles querem cada vez mais segregar e tirar a gente daqui. Só quer que a gente esteja aqui pra limpar a merda deles. Mas, papai, a gente vai virar o barco. Talvez não seja agora! Mas ao longo da vida a gente vai virar o barco. Falar: olha onde nós estamos aqui, poxa! Que nem fala na Medida Provisória (último filme do Lázaro Ramos), pra tirar a gente daqui. Não, a gente vai virar essa poxa. Tamos virando, ele não tão percebendo! Tamo caminhando. O caminho é lento! Mas tamo se preparando pra isso.

**Clara:** E porque você acha que o circo é importante?

**Fafá:** O circo é importante... Pô, o circo foi o que me deu tudo nessa vida! Circo foi o que transformou a minha vida. Me fez ir pra Paris, me fez ir pra Londres, pra Inglaterra, pra Budapeste. Conheci vários países do mundo. Me fez ir pro interior da Bahia, Jacobina, sabe? Pra Recife, Brasília, interior de São Paulo inteiro. O circo me levou pra tudo que é lugar! O circo me levou pra ver Van Gogh, me levou pra ver Seurat. Um homem que não sabia nem quem eram essas pessoas. O circo me transformou e levou pra ver varias pessoas importantes. O circo me levou pra fazer um show pra Hilary Clinton! Me levou pra fazer show com o Didi, sabe? Me transformou, e me vários processos. Circo me levou pra tá no Teatro Municipal, ficando em segundo lugar de bilheteria pro Emicida. Não é importante pra caralho? Um monte de homem preto fazendo show no Municipal. Lotou, vendeu todos os ingressos, perdeu só pro Emicida. Porra, mano. Respeita nois ai, papai! A pele preta vale muito, caralho! Você fique preparada que nós vamos chegar longe! E o circo me levou pra tudo que é lugar, que eu nunca imaginaria. Um menino que nasceu sem mãe, sem pai, que dormia na rua, que não sabia nem o que ia ser da vida dele. O futuro, e que talvez ia morrer mais cedo, porque é isso que a estatística da né, que o jovem preto é o que mais morrer. Ó onde o circo me levou. Circo fez eu tá falando com você! Aqui agora! Entendeu? Trocar ideia com você, sobre varias questões. Então o circo pra mim é importantíssimo. Se eu morrer hoje, ou amanhã, e perguntar como que eu quero voltar: eu quero voltar preto, negro, do circo, do nordeste, de chinelo. Eu amo tudo isso, eu amo esse cultura. Queria voltar pra mesma mãe, mesmo ciclo de vida. E lutar. Então o circo mano... Sofri muito no circo. Se achar que o caminho foi fácil, sofri muito. Eu to aqui, ó onde o circo tá me levando. E eu tenho um respeito do caralho pelo circo. Eu não tenho respeito por alguma pessoas do circo, mas pelo circo eu tenho. Porque o circo sempre teve muitos artistas negros e artistas negras, muitos, e nunca foram (conhecidos). Pega por exemplo o Benjamin de Oliveira. Benjamin de Oliveira foi ser reconhecido recentemente. Falava de quem? De Piolin, de Carequinha, de Picolino. Todos os palhaços brancos. Alguém foi falar de Benjamin? Você que é uma pessoas que estuda, você sabia de Benjamin de Oliveira? Não, né. Mas de Carequinha...

**Clara:** Só depois que foi pro Itaú Cultural que abriu, né?

**Fafá:** Mas um monte de gente não sabia quem era ele. A galera do circo sabia. Por isso que eu falo que tem varias outras pessoas que a gente não sabe. A nossa pele preta sempre foi desvalorizada. E quantos artista passaram que a gente não sabe. A gente sabe muito de Gil, Carlinhos Brown, e lá atrás? E lá atrás, cadê a galera? Por isso eu acho que o circo tinha muito artista. Muito artista, muito. Só que a gente sempre aprendeu a valorizar a cultura branca. A cultura preta sempre é vista como algo que não da pra confiar. Ate hoje as pessoas não confiam na gente, porra! Ate hoje.

**Clara:** O que eu sinto é que o circo é muito rico em muitas linguagens. Então você aprende teatro no circo, no palhaço, nas peças, aprende cena, aprende corpo, aprende a viver também, a construir. Então eu sinto que é muito rico também e junta um milhão de coisas pra se tornar essa arte maravilhosa.

**Fafá:** E tudo né, o cara faz teatro: ele tem que ir pro circo. Ele faz dança: vai ter que ir pro circo. Porque você vai ter que aprender e ter um trabalho completo. Vou te contar um coisa: fui fazer um trabalho num shopping aqui perto. Fiz um teste e arbentei no teste. Mas eu só podia fazer o trabalho se usasse luva, ce acreditar nisso? E eu fui fazer porque o cache era muito bom, mas usei luva. O cara usou essa palavra: "po, esse neguinho é muito bom em?". Ce ve como a historia é muito louca, o processo é muito doido. Mas é isso, o circo é minha vida, é tudo. Ele que me da, todo dia que eu entro aqui eu agradeço muito por estar aqui e poder dar coisas pra outras pessoas também. E é isso né!

**Clara:** Que horas são em?

**Fafá:** Vai dar, falta 5 pras 19h.

**Clara:** A aula é as 19h. (risos) Acho que a gente falou bastante, né?

**Fafá:** Falamos bastante, boa conversa.

**Clara:** Eu conversaria mais.

**Fafá:** Não, da pra conversa mais ainda. A gente pode combinar outro dia.

**Clara:** Podemos

**Fafá:** Podemos combinar outro dia.

**Clara:** Mas acho que por hora ficamos por aqui. MUITÍSSIMO obrigada.

**Fafá:** Eu agradeço, e espero eu seja muito proveitoso pra vocês. Que vocês aproveitem muito e que, quem sabe no futuro, as pessoas venham conhecer o circo dos bichos doidos e conhecer eu também.

**Clara:** Com certeza, vou chamar minha professora aqui, vai ter que vir. Nos próximos espetáculos, pra ver o espaço também. Ela vai amar! São muito interesses diversos, tem uma galera que se interessa pelo grafitti e pixação, uma galera que se interessa por vias mais institucionais da educação e tem um galera que se interessa muito pela arte corporal, pela arte circense, que tá aí também lutando contra o ambiente da academia. E acho que a galera vai curtir muito.

**Fafá:** Então tá bom vou lá chamar a galera. Amore, se você quiser a gente pode fazer de novo mais uma, viu?

**Clara:** Eu topo!